

Por Affonso Nunes

**O** Brasil perdeu um de seus artistas mais completos e representativos. Haroldo Costa, ator, diretor, escritor e memorialista do carnaval carioca, faleceu nesse sábado (13), aos 95 anos. De acordo com sua família, ele havia se internado recentemente para tratar de complicações de saúde decorrentes de sua idade avançada.

Nascido em 13 de maio de 1930, no Rio de Janeiro, Haroldo viveu a complexidade e os desafios de ser um negro no Brasil. Filho de Eurides e Luiz Costa, perdeu a mãe aos dois anos e passou boa parte da infância em Maceió, onde o rico calendário festivo folclórico alagoano despertou seu interesse pelas artes. O retorno à cidade natal, por volta dos dez anos, trouxe outro encontro determinante: as músicas carnavalescas que chegavam pelo rádio e que marcariam profundamente sua trajetória.

Antes de se tornar um dos nomes fundamentais do teatro negro brasileiro, Costa trabalhou como balconista de livraria. Sua entrada nos palcos aconteceu por acaso, num daqueles episódios que parecem escritos pela própria dramaturgia da vida. Em depoimento ao Museu da Pessoa, o artista relatou que o pai lhe entregou um panfleto sobre alfabetização para adultos junto ao Teatro Experimental do Negro (TEN). Com boa formação escolar, foi ajudar como professor. Durante um ensaio, um ator faltou e Haroldo foi chamado para ler a parte do ausente. Acabou ficando com o papel de Peregrino na peça "O Filho Pródigo", de Lúcia Cardoso. Estava inaugurada uma carreira brilhante e de referência para as gerações seguintes de artistas negros.

No TEN, movimento fundado por Abdias Nascimento em 1944 e que revolucionou a presença negra nos palcos brasileiros, Haroldo Costa integrou elencos de montagens marcantes. Participou de "O Pagador de Promessas", "Xica da Silva", "O Auto da Comadecida" e, especialmente, "Orfeu da Conceição", de Vinícius de Moraes, na qual foi protagonista. A peça, que transpunha o mito grego para o morro carioca, parecia desenhada para aquele multiartista que se impôs por seu talento e inteligência.

A dimensão de escritor e intelectual se consolidou em 1982, com a publicação de "Fala, Crioulo", obra pioneira construída a partir de depoimentos de pessoas negras sobre a realidade brasileira. "O 'Fala, Crioulo' é um livro que nasceu logo depois da extinção do AI-5. Porque sempre me incomodou esse papo de democracia racial, essas coisas que se tem oficialmente e que não correspondem à verdade. Eu peguei uma série de pessoas, algumas conhecidas, a maioria, não. Tem pivete, prostituta, tem tudo. Era para dar um espetáculo", explicava o autor, demonstrando consciência política aguçada sobre as contradições raciais brasileiras.

Sua paixão pelo carnaval se tra-



Reprodução/Instagram

*Carismático e dono de vasto conhecimento sobre o carnaval e a cultura popular, Haroldo Costa atuou em diversas frentes*

# Brasil perde Haroldo Costa, o eterno Orfeu brasileiro, aos 95 anos

Ator, diretor, escritor e memorialista do carnaval carioca, o artista deixa legado para a cultura

José Medeiros/IMS



*Haroldo Costa à frente do elenco 'Orfeu da Conceição', encenada em 1956 no Theatro Municipal*

duziu em produção bibliográfica fundamental. Escreveu "100 Anos de Carnaval no Rio de Janeiro" (2001) e foi escolhido presidente de honra da Academia Brasileira de Artes Carnavalescas. Mantinha vínculo especial com a escola de samba Salgueiro desde 1963, relação que resultou nos livros "Salgueiro: Academia de Samba" (1984) e "Salgueiro - 50 Anos de Glória". Colaborou ainda com jornais como "O Globo", "Última Hora", "Para Todos" e "Leitura". Se vasto conhecimento sobre o carnaval fez dele comentarista das transmissões dos desfiles das escolas de samba na extinta TV Manchete e, posteriormente, na TV Globo.

Na televisão, transitou entre direção e atuação. Dirigiu programas como "Musicalíssima", "Oh, Que Delícia de Show", "Dercy Espetacular", "Discoteca do Chacrinha" e "Concertos Para a Juventude". Como ator, participou de novelas da Rede Manchete - "Kananga do Japão", "A História de Ana Raio", "Zé Trovão" e "Amazônia" - e das minisséries "Chiquinha Gonzaga" e "Subúrbia", na Globo.

Até os últimos meses, Haroldo Costa permaneceu ativo intelectualmente, concedendo entrevistas a todos os veículos que lhe procuravam. Em maio, ao completar 95 anos, recebeu diversas homenagens. Culto, carismático e dono de personalidade fascinante, Haroldo Costa deixa um legado fundamental para se compreender a cultura popular.